

1992

RAÍ

1992

O mundo em três cores

por **André Plihal**



© Raí e André Plihal

Diretor editorial
Marcelo Duarte

Capa
Alex Yamaki

Diretora comercial
Patty Pachas

Diagramação
Camila Sampaio

Diretora de projetos especiais
Tatiana Fulas

Preparação
Beatriz de Freitas Moreira

Assistentes editoriais
Vanessa Sayuri Sawada
Juliana Paula de Souza
Ana Luiza Candido

Revisão técnica
Gustavo Longhi de Carvalho
Sérgio Miranda Paz

Assistentes de arte
Alex Yamaki
Daniel Argento

Revisão
Juliana de Araujo Rodrigues
Ivana Traversim

Impressão
Corprint

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Raí, 1965-
1992: O mundo em três cores/ Raí, André Plihal. – São Paulo: Panda
Books, 2012. 104 pp.

ISBN: 978-85-7888-253-2

1. São Paulo Futebol Clube. 2. Copa Libertadores da América. 3.
Futebol – América Latina. 4. Futebol – Torneios. 5. Clubes de futebol
– São Paulo (SP). I. Plihal, André. II. Título. III. Título: Mil novecentos
e noventa e dois: O mundo em três cores.

12-7691

CDD: 796.334098161
CDU: 796.332(815.61)

Parceria:

Raí+Velasco

2012

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

twitter.com/pandabooks

Visite também nossa página no Facebook.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Dedico este livro à Cristina Belíssimo, a querida Tina, cujas lágrimas no Mundial simbolizam 15 anos de companheirismo, amor e dedicação, essenciais para a minha carreira. Agradecimento especial a um dos grandes responsáveis pelo meu sucesso pós-carreira, jovem que ensina, amigo que apoia e que esbanja talento e eficiência, idealizador deste projeto, dentre tantos outros, meu sócio, Paulo Velasco.

Rai

Dedico este livro ao homem que tornou tantas vidas mais belas e que lutou pela sua da forma mais bonita possível. Ao querido amigo Carlos Pollini Quintieri.

André Plihal

Sumário

Prefácio	9
Palavra dos autores	13
Raí	13
André Plihal	16
Cartão de visita para impressionar	19
O golpe decisivo	25
Sensibilidade de Mestre	37
Os 45 eternos minutos	49
Presente de sonho	53
Celebração de título com título	63
Depoimentos	69
Campeões do mundo falam sobre Raí	70
A visão jornalística do Mundial de 1992	73
A visão de quem jogou no São Paulo e enfrentou o São Paulo	74
Jogos da temporada de 1992	77
Agradecimentos	99
Referências bibliográficas	101

Prefácio

A procura pelo autor de um prefácio nem sempre é simples. Alguém que tenha presenciado a história e feito parte dela, preferencialmente de forma significativa.

Muitos nomes poderiam assinar o prefácio deste livro.

Mas um nome não poderia faltar.

Acontece que essa pessoa nos deixou há seis anos. Raí não se conformou com essa “ausência”. Pediu um esforço de imaginação para revivermos seu Mestre em alguns parágrafos.

Precisávamos encontrar alguém que, mesmo sem ter feito parte, conhecesse a história. E, de preferência, que conhecesse Telê Santana.

O jornalista Arnaldo Ribeiro auxiliou o técnico na missão semanal de escrever uma coluna no jornal *Folha de S.Paulo*. Ele o fez entre 1994 e 1995, período final da fantástica passagem pelo SPFC.

Telê já o havia escalado para a função de falar por ele. O Mestre nunca errava em suas escolhas. Portanto, Arnaldo, seja Telê.

Se eu estava engasgado? Estava... Se foi também uma vitória “pessoal”? Foi... Mas ganhar o Campeonato Mundial de Clubes, vencendo o Barcelona de Cruyff (um dos grandes jogadores que vi atuar), foi uma conquista acima de tudo do São Paulo. E dos jogadores do São Paulo.

Foi a conquista do Toninho (Cerezo), embora eu não tenha pedido para contratarem o Toninho para que ele pudesse ser campeão mundial, assim como eu, dez anos depois da Copa do Mundo na Espanha, naquele jogo com a Itália...

O Toninho chegou um dia no clube para me pedir ajuda na sua indicação para um clube do exterior. Aí eu perguntei: “Você não quer jogar aqui, no São Paulo?”. Ele respondeu que sim, e eu pedi aos dirigentes a sua contratação. Foi dessa forma. Com sua experiência, ele acrescentaria muito ao time.

Foi também a conquista do Raí. Já havia trabalhado com o irmão dele, o Sócrates, e nos demos muito bem. Quando cheguei ao São Paulo, o Raí já era o capitão do time, o camisa 10.

Mas faltava alguma coisa. Ele jogava muito longe do gol, dava muitos passes de lado, lançamentos longos. Eu disse a ele: “Você tem de ser mais objetivo. Com esse tamanho todo, tem de fazer gol, tem de entrar na área, não pode ter medo de entrar na área!”.

Fomos trabalhando e ele melhorou muito. Tornou-se artilheiro. Fez os dois gols da vitória sobre o Barcelona, um deles em uma co-

brança de falta que ensaiamos várias vezes no Centro de Treinamento do São Paulo. Lá, Raí ficava comigo e com alguns outros jogadores dando autógrafos aos torcedores, horas a fio, nas manhãs de sábado. Ele entendeu bem o papel que representava.

No mesmo CT, no dia a dia, nós treinamos também os fundamentos do Vitor, do Ronaldo, do Pintado e, principalmente, do Cafu. Quando cheguei, o Cafu queria jogar no meio-campo, fazia questão. Eu disse: “Cafu, você erra muitos passes para jogar no meio-campo, vou utilizar você em outra função...”. E ele, com aquela saúde toda, foi jogar na lateral e no ataque, também contra o Barcelona.

Trouxe o Ronaldo Luís e o Palhinha de Minas, do América. O Dinho veio de Pernambuco. O Müller já tinha voltado, melhor, da Itália. Tinha o Zetti, o Adílson...

Ganhamos do Barcelona porque trabalhamos diariamente para isso. Porque fomos subindo, degrau por degrau. Campeões brasileiros (1991), campeões paulistas (1991 e 1992), campeões da Libertadores (1992) e campeões do mundo.

Ganhamos do Barcelona porque os atacamos. Cansaram de me falar: “Com futebol limpo, sem defensivismo, não se chega a lugar algum”.

Desde 1982 eu escutava essa história... O São Paulo provou que pode ser campeão, de qualquer campeonato, sem nenhum tipo de deslealdade. Espero que o exemplo sirva para o futebol brasileiro.

Depois do jogo com o Barcelona, ainda no vestiário, um fotógrafo brasileiro me pediu para posar com os troféus de campeão mundial. Quando foi tirar a foto, ele disse: “Sorria, seu Telê! Você é campeão do mundo!”.

Com coisas alegres, eu sorrio. Não choro – só choro com coisas tristes. Desde que entrei na Seleção Brasileira tinha o pensamento voltado para o título mundial. A tristeza da época é recompensada pelo reconhecimento do trabalho, por termos trabalhado bem, termos feito um time que encantou o mundo. Mesmo assim, não conquistamos o título.

Dez anos depois, com o São Paulo, vencemos. E, assim como em 1982, eu não me arrependo de nada. Faria tudo de novo. Da mesma forma.

Telê Santana da Silva

Palavra dos autores

RAÍ

No dia 13 de dezembro de 1992, ao meio-dia no Japão, entrar no estádio Nacional de Tóquio não era apenas confirmar que aquele era o melhor time do planeta; era, mais que tudo, concluir o que foi lindamente construído.

“Eles podem ter a mesma capacidade técnica que nós, podem ter o mesmo preparo físico que nós, mas com certeza eles não se gostam como a gente se gosta.” Foi com essas palavras, ditas na saída do vestiário, que entramos em campo.

Dividir aquele momento mágico é, também, reviver a magia, além de compartilhar vários aspectos e ângulos de quem esteve lá dentro. Dentro do campo, da preparação, do clima de decisão e, sobretudo, dentro desse grupo excepcional, único, que alcançou um raríssimo grau de equilíbrio e cumplicidade.

Não é à toa que aquele time foi adorado!

Mais do que todas as características e virtudes descritas neste livro, aquela turma tinha um carisma irresistível, muito mais do que palavras podem desvendar. Não falo aqui do carisma na individualidade de cada um, isso é notório e evidente, ainda que carisma e sedução sejam sempre algo misterioso. Falo de algo muito mais raro, o carisma coletivo.

O São Paulo de 1991 a 1993 chegou a tal ponto de entendimento e amizade que as diferentes e fortes personalidades dos integrantes se fundiram em algo uno. Com uma cara, um rosto, uma identidade formada por várias partes diferentes de um mesmo grupo, tínhamos enorme prazer em estar juntos, treinar, jogar, brincar na companhia uns dos outros.

Com tudo isso, ou até por isso, o toque do Mestre. Telê sabia, como ninguém, extrair o máximo de cada atleta em prol do grupo, e com esses ingredientes construir a alquimia perfeita. E o mais mágico é que todos nós ficávamos enfeitiçados por aquele resultado. Quando menos esperávamos, já éramos parte do feitiço.

Digo, sem medo de errar, que ser e fazer parte daquele todo nos dava mais prazer e orgulho do que daria qualquer feito a que pudéssemos chegar individualmente.

Telê nos ensinou, e nos ensinava dia após dia, o que é beleza coletiva, o jogo coletivo e bem jogado. Que a coreografia do

grupo era o verdadeiro espetáculo. Que a individualidade tinha de ser encarada como incremento de algo maior.

Ele dava sentido poético ao clichê “com um ou dois craques você ganha jogos, com uma equipe harmoniosa você conquista títulos”, e sim, nesse caso, chegamos ao espetáculo.

Escrever este livro é mais do que perpetuar detalhes de um momento histórico. É um ato de generosidade em favor dos que se interessam pelo time.

O que conto aqui tem de ir além do sentido das palavras, além do desenrolar dos fatos, tem o objetivo de perceber e apreender o que constituiu a “alma” daquela “máquina”.

Escrever este livro não é dar a fórmula do sucesso, mas, sim, compartilhar os aprendizados e as sensações daquele sucesso.

Quem acompanhou aquele momento, de uma maneira ou de outra, sabe do que estou falando e foi impactado por ele.

Este livro foi escrito junto com o grande profissional André Plihal, que se emocionou com aquele jogo e aquele grupo, e que guarda, com orgulho e memória afetiva, o que se passou vinte anos atrás. Por isso, esta experiência se torna ainda mais especial.

ANDRÉ PLIHAL

A mesma roupa, a mesma poltrona, o mesmo jantar, ao lado das mesmas pessoas. Da roupa e da comida não lembro nada. Quer dizer, a comida trouxemos do restaurante Senzala, localizado na praça Panamericana, em São Paulo. Não me perguntem o cardápio.

Nas finais dos Mundiais de 1992 e 1993, meu HD de memória tinha outras informações mais importantes para armazenar. As pessoas que estavam comigo e o esquadrão a que estávamos assistindo.

A madrugada de 13 de dezembro de 1992 foi passada na casa de Paulo Elysio de Andrade, conselheiro do São Paulo Futebol Clube, falecido em fevereiro de 2005, ano do tri. Para mim, tio Paulo Elysio, pai do Gustavo, amigo do colégio.

Conheci a família em 1985, no dia em que Paulo Roberto Falcão estreou no São Paulo. Gustavo me convidou para ir ao

jogo, um amistoso no Morumbi contra o Internacional, do Rio Grande do Sul.

Tia Aline, Zé Cássio, Renata, Gabi... todos muito queridos. Quantos dias bacanas passamos juntos, férias sempre deliciosas em Águas da Prata, no interior paulista! E o São Paulo a todo instante presente. Nas conversas e nos eventos. Até a experiência de ser mascote, de entrar em campo com o time, tio Paulo Elysio me proporcionou.

Qual time? O de 1985, apelidado de Menudos do Morumbi. Formidável, mas embora tenha sido o primeiro que vi levantar uma taça, a de Campeão Paulista, por uma questão de idade, o “meu São Paulo” não é o do Cilinho e o do Careca. O meu time é o do Telê e do Raí. Um dos maiores da história do futebol brasileiro, um time que repetiu o feito do Santos de Pelé, ganhou dois mundiais consecutivos.

A vida me separou da família Andrade. Não houve nenhum problema, briga nenhuma. Apenas tomamos caminhos diferentes, algo mais que comum. Mas toda vez que vejo qualquer imagem ou menção àquele período, sinto como se estivesse na agitada mesa de almoço desse clã tricolor.

Falando em mesa, em tricolor, recentemente passei por um momento de criança na Disneylândia. Em um evento da Fundação Gol de Letra, estive no mesmo espaço de Raí, Zetti, Pintado

e Adílson. Tema único do superdescontraído papo: a final de 1992 contra o Barcelona.

Não queria que a noite terminasse nunca!

Vinte anos depois, os personagens principais do “meu São Paulo” estão mais próximos de mim do que o Gustavo e sua família. Destino curioso.

Você consegue imaginar o que representa para mim tabelar com Raí neste projeto?

Com certeza não! Nem eu sou capaz disso.

A única possibilidade de igualar essa sensação seria assistir ao tetra no mesmo sofá, jantando comida do Senzala, vestido com a mesma roupa (que acho que não cabe mais em mim) e, principalmente, ao lado das mesmas pessoas.

Ninguém precisa me lembrar de que essa possibilidade não existe, da mesma forma que ninguém pode me tirar o direito de desejar que isso um dia aconteça.

Vencer o Barcelona também parecia impossível.

Obrigado, Raí.

Obrigado, tio Paulo Elysio.

Cartão de visita para impressionar

Estava em uma fase iluminada. Fisicamente bem e com um instinto infalível. Viajei para o Japão no dia em que fiz três gols no Palmeiras, na primeira partida final do Campeonato Paulista. O time voava baixo, ganhamos por 4 X 2, e o desempenho naquela tarde de sábado serviu para aguçar minha enorme confiança.

Era o meu momento. Fase como a de Romário em 1993 e 1994, como a de Neymar nestes últimos tempos. Todo mundo sabe que o cara está bem; o adversário sabe, mas não consegue impedir que ele decida os jogos. Você fica muito mais intuitivo, mais ligado, em um estado de espírito em que acaba sacando os acontecimentos antes que eles se mostrem. Intuição. Eu pensava: “A bola vai ali”. Eu ia. Ela ia, e pá, gol.

Essa intuição me dizia que ganharíamos do Barcelona. Não dava para afirmar, mas eu sentia. Sentia também que tinha a responsabilidade de puxar meus companheiros. E teria de ser de uma forma “irresponsável”, comparando com o que costumava fazer em campo.

Evitava ao máximo inventar, firular, mas no dia 13 de dezembro de 1992 cheguei ao estádio Nacional de Tóquio certo de que precisava tomar algumas atitudes fora dos meus padrões, e a primeira delas, o cartão de visita, estava nítida na minha cabeça: protagonizar uma jogada de efeito logo de cara.

Ronaldo Luís cobrou um arremesso lateral para mim no lado esquerdo do campo de ataque. A bola quicou e eu dei um chapéu de chaleira no meu marcador. Fiz isso porque os demais jogadores certamente pensariam: “Se o Raí, normalmente tão sério, está assim, está fazendo isso, a gente também pode fazer”. Se acontecesse o contrário, o capitão dando de canela no primeiro lance do jogo, todos ficariam ressabiados, não é?

Não lembrava, mas o tal chapéu de chaleira teve como vítima um certo Pep Guardiola, excelente meio-campista do Barça *dream team*, hoje um dos mais cobiçados técnicos de futebol do planeta. O projeto deste livro me deu uma lição de casa: rever o jogo São Paulo X Barcelona.

Passei quase vinte anos sem jamais rever o jogo da minha vida. Para dizer a verdade, acho que nunca assisti a um videoteipe inteiro. Há sempre muitos erros, horas em que você some do jogo. Sou crítico e acabo me aborrecendo. Não foi o caso dessa grande decisão.

Pouco antes do chapéu em Guardiola, com um minuto e meio de jogo, um tanto afoito, derrubei o dinamarquês Michael Laudrup